

atlas
de **RELAÇÕES**
INTERNACIONAIS

N.º 34

A CHINA GEOHISTÓRICA

1 — O Quadro Físico. — 2 — Evolução Social. — 3
— Desenvolvimento Econômico.

CADERNO ESPECIAL
DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA
ANO 37 — N.º 2

A China geohistórica

DELGADO DE CARVALHO

1 — O Quadro Físico

a) O Relevo Chinês

A China representa a quarta parte do continente asiático, povoada pela quinta parte da humanidade.

As terras chinesas se estendem sobre 22 graus de latitude, dos 20° ao 42° de latitude norte. Sua superfície é de 9.600.000 km² e sua população, em 1971, era oficialmente avaliada em cerca de 800 milhões de habitantes, incluindo os chineses residindo fora da China (cerca de 20 milhões).

Esta imensa massa de terras contínuas, na atual era geológica, é constituída de três elementos principais:

— Um *escudo chinês*, comparável ao escudo báltico e ao escudo canadense, à terra de Angara ou mesmo ao complexo brasileiro, isto é, constituído de rochas antigas que formaram moles de resistência sobre os quais vieram, como ondas, se quebrar os desviar dobramentos primários.

— Uma série dos referidos dobramentos de direção oeste-leste, cujos atuais representantes são as terras do *Kuen-lum*, de *Tian-chan*, do *Altai* (Monte Bieluka — 4.700 metros) que aí sofreram alguma deflexão para o sul (Alpes do Se-tchuen) e outros para o norte, já na Mongólia Exterior. Ainda a estes dobramentos pertencem os que conservaram a direção oeste-leste como as serras de *Nan-Chan* e de *Tsin-ling*.

Uma segunda série de dobramentos mais recentes, terciários, contemporâneos dos Alpes e dos Andes se apresenta no setor sudoeste, constituindo as grandes ondas paralelas dos *Himalaias*, cuja deflexão provocada pela resistência do escudo chinês é marcada pela característica do *Yunan* e *Indo-Chinês*. As forças orogênicas de-

ram a este dobramento, em linhas paralelas de sinclinais e anticlinais (em que correm também paralelos grandes rios), um aspecto jurássico, chamado *siniano* que se prolonga pela península indo-chinesa e pela própria *Malásia*.

Nestas condições, grandes áreas continentais enquadradas por orlas de dobramentos, constituem antigos fundos de mares que passaram a ser planaltos, colinas, vales e planícies, com lagos salgados pouco profundos, ricos em enxofre e amoníaco, resíduos de antigas bacias cujas águas se evaporaram. A erosão eólica e térmica domina estas áreas desérticas; os seus detritos em vez de serem arrastados pelas águas se acumulam *in loco* e dão frequentemente às regiões o aspecto de grandes ruínas.

A serra de *Nan-chan*, com alturas de 3 mil metros, são prolongadas pelo *Tsing-ling-chan* que costeia o rio Wei até o cotovelo formado pelo *Hoang-ho*. De lá se dispersam as suas ramificações pela China nordestina em colinas que enquadram as planícies formadas pelos vários deltas do grande rio. Uma ilha do *mar Amarelo*, alcançada pelas terras acumuladas destes deltas, constitui-se atualmente num maciço peninsular, o *Chang-Tung*.

A direção sul-norte dos montes *Chan-si* leva às planícies da *Mandchúria*, enquadradas pelo *grande Khingan* a oeste, e o *pequeno Khingan* e o *Pei-chan* coreano a leste.

A *China Própria*, hoje *China das Vinte e Duas Províncias* (e não mais das Dezoito), com suas regiões autônomas e municipalidades, ocupa 5.300.000 km² dos 9.600.000 que mede o país inteiro. Os 22° de sua extensão em latitude explicam suficientemente os contrastes existentes entre a *China do Norte*, a *China Central* e a *China do Sul*, embora atenuados principalmente pelos agentes térmicos.

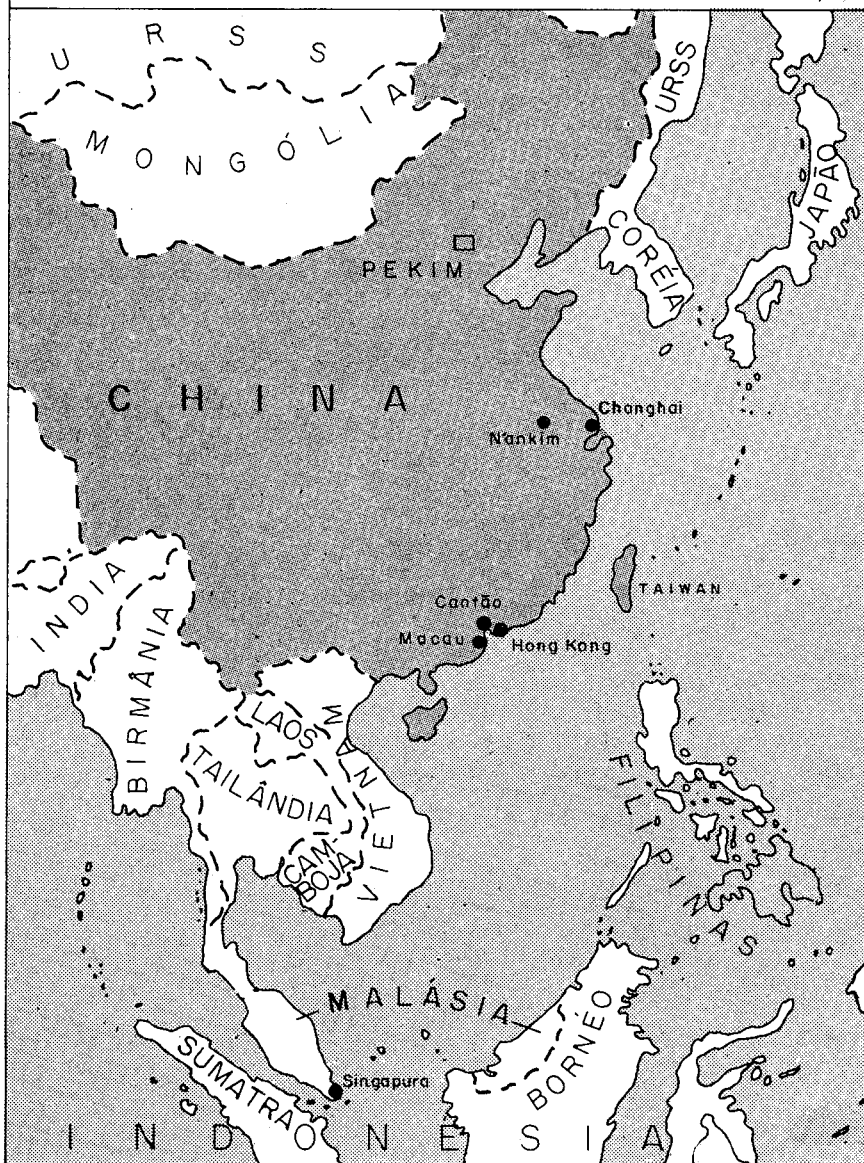
b) A China do Norte

A *China do Norte* é montanhosa na sua parte ocidental e plana na sua vertente oriental marítima. De um lado, as serras se prolongam do interior do *Chan-si*, do outro, a planície é ocupada pelas aluviões do *Hoang-ho*, o "herói físico" da região. É a *terra amarela* por excelência, argilosa, porosa, trazida pelos ventos à custa dos desertos interiores, cobrindo largas extensões com centenas de metros de espessura. Arrastada pelas águas, a terra se torna limosa e endurece ao sol, sob forma de pedra. É este o famoso *loess*

CHINA — EXTREMO ORIENTE

MAPA ORGANIZADO POR: DELGADO DE CARVALHO — 1975

DivEd/D_pmsl



que Antônio Teixeira Guerra define como “sedimento eólico de granulação fina constituído de argila muito quartzosa e rica em calcário”. A sua coloração é amarelada, sua terra constitui um solo agrícola excelente, muito procurado. Sua propriedade característica é de formar paredões verticais ao longo dos rios, o que torna possível a escavação de lapas e

cavernas que se prestam à habitação rupestre, do tipo troglodita. Na Europa encontram-se formações análogas de löss, mas são depósitos aluviais remanescentes do período glacial.

Entre as características que diferenciam as três regiões principais da China Própria, o regime de seus rios e sua influência nos ambientes que per-

correm, talvez sejam os seus contrastes mais significativos.

O rio Hoang-ho, ou *rio Amarelo*, nasce no Tibet; seu curso ultrapassa 5.000 km; a sua bacia tem uma área quase igual a do Estado do Pará. Depois de atravessar lagos das alturas, passa por grandes quedas, e em *Lanchen* muda de rumo para o norte. Envolve o planalto desértico do *Ordos* e toma novamente a direção do sul até encontrar o *rio Wei* que o leva a correr para leste, até o *golfo do Tchi-li*. É sucessivamente um rio de montanha, de deserto e de planície. A principal feição de seu curso é a de inundar as suas margens, conservando-se acima do nível das planícies que percorre, e de mudar a sua foz alternativamente ao norte e ao sul da península do *Chang-tung*. Cerca de dez vezes isto acontece, causando grandes inundações e milhares de vítimas. Pelo seu curso para o mar Amarelo, as águas do Hoang-ho quase que chegaram a se ligar por canais, às bocas do *Yang-tse*. De 1853 em diante, o grande rio se despeja no golfo do *Tchi-li*. Milhares de trabalhadores são mantidos na construção de diques de 20 metros por 40 ou mais de largura. Durante a última guerra foram abertos diques para enfrentar a ofensiva japonesa; a submersão da planície causou grande quantidade de sinistros. Apesar dos serviços que presta pelos seus canais na planície o Hoang-ho não se presta ao acesso de navios que vêm do mar.

As *costas* da China do Norte orlam um mar relativamente pouco profundo, onde as aluviões dos rios *Pei-ho*, *Liao* e *Hoang-ho* remodelam aos poucos o litoral. O litoral conserva-se retilíneo com poucos portos a não ser *Tien-sin*, e no *Cang-tung* os de *Tsing-tao* e *Wei-hai-Wei*, estando na península de *Liaotung* os antigos portos russos de *Porto Arthur* e *Dairén*, hoje denominados *Lushung* e *Luta*.

O grande espaço em latitude ocupado pela China explica as consideráveis diferenças climáticas do país. "Em função de sua posição, diz *George Cressey*, o clima é alternativamente continental e asiático no inverno e marítimo ou Pacífico no verão". As ondas de ar frio penetram na *Dzungária* para o extremo sul chinês. As estações são bem marcadas. Os *tufões ciclônicos* são seguidos de fortes chuvas. As *monções* do noroeste são secas e frias, as do sudeste são quentes e chuvosas.

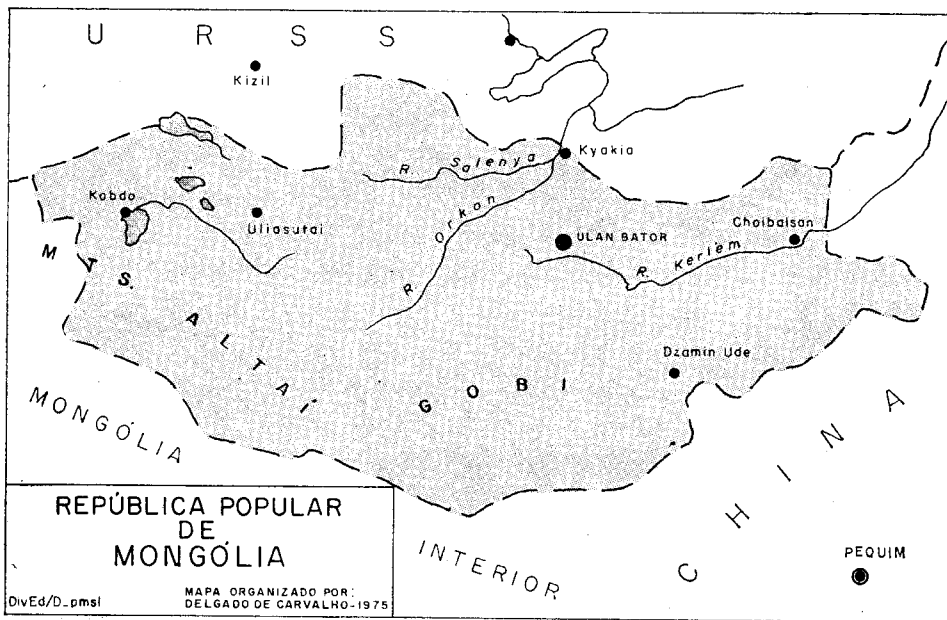
Foi na China do Norte que viveram, nos primeiros tempos, habitantes chineses; ocupavam as bacias do *Wei-ho*

e do *Fen-ho*, afluentes do *Hoang-ho*. Populações amarelas, abrigadas nessas terras amarelas se dedicavam à cultura de cereais e algodão. A tendência a emigrar levou-as a se deslocarem para o oeste, para as estepes mongólicas, além da *Grande Muralha*. Existe, pois, uma frente pioneira para um *far West*, como na América do Norte. Nessa região há uma estrada transmongoliana para *Ulan-Bator* e o lago *Baikal*; *Sian*, no rio *Wei*, *Lan-tcheu* no *Hoang-ho* e *Tai-Yuan* no *Fen*, que já contou com mais de um milhão de habitantes, são os principais centros do noroeste.

Quanto à *Grande Planície*, parte oriental da China do Norte, com seus 130 milhões de habitantes, destaca-se por suas terras férteis que permitem duas colheitas anuais; formam um cinturão verde ao redor de *Pekin* com seus 7 milhões de habitantes ao lado de sua vizinha, o porto de *Tien-Sin*, com 4 milhões. A metrópole chinesa foi fundada no século X por soberanos *mandchus* para observar a fronteira do noroeste. O plano da cidade é geométrico; comporta um quadrado central interdito, e ao sul a cidade chinesa. Possui vários conjuntos monumentais, jardins e casas de madeira esculpida. É um centro ferroviário e rodoviário, além de administrativo, intelectual e artístico. Outra cidade importante é *Tien-Sin*, porto a 50 km do mar, ligado pelo *Grande Canal* (*Canal Imperial*) e lagos à foz do *Yang-tse*. Quanto à península do *Chang-tung*, são vários os seus portos como *Tche-fu* e *Wei-hai-wei*, que já foi inglês, mas hoje destaca-se mais o porto de *Tsing-tao*, com mais de 1 milhão de habitantes; surgiu de uma aldeia de pescadores, dotada de bom clima que atraiu turistas. De estação naval passou a ser porto do território de *Kiau-tcheu* que os alemães ocuparam em 1897 e só abandonaram em 1922.

c) A China do Nordeste

A China do Nordeste é a antiga *Mandchúria*, um quadrilátero de cerca de 800.000 km de comprimento e 200 a 400 de largura. É uma região que foi deslocada por intensa atividade vulcânica e que forma uma depressão aberta ao sul e norte, entre os dois *Khingans* (o Grande e o Pequeno). A sua extremidade meridional forma a península do *Liao-Fung* que se projeta entre o golfo do *Chi-li* e o *mar Amarelo*. No norte das províncias *mandchurianas* o *rio Amur* as separa da *Rússia Asiática*. Esse volumoso tributário do *mar de Okotsk* recebe as águas do *Sungari*, constituindo importante zona de pene-



tração para o centro chinês. Em sentido oposto, corre para o golfo do Chilli, o rio *Liao-ho*.

Climatologicamente, a Mandchúria constitui uma transição entre a Sibéria e a Ásia tropical; em suas médias de inverno e verão, a amplitude é de pouco mais de 40 graus.

A cidade de *Mukden* (hoje *Shenyang*) foi sua capital, contando atualmente 2.500.000 habitantes. Cidade santa da Dinastia Mongol, passou a ser importante centro econômico. Na península do sul destacam-se *Lushunk*, antiga Porto Arthur, e *Luta*, antiga Dairén.

Esta China nordestina, que por direito sempre fez parte integrante da China, serviu entretanto, durante a primeira parte do século atual, de pomo de discórdia entre a Rússia, o Japão e a própria China. Tudo resultou da *Estrada de Ferro Transiberiana* com a qual a Rússia queria alcançar Vladivostok, desviando o seu traçado, para encurtá-lo, para o *Transmandchuriano*. Daí a indignação chinesa contra os "demônios estrangeiros" e a intervenção japonesa que, pela força, em defesa da China, se atribuiu as vantagens visadas pela Rússia.

d) A China Central

A China Central é a zona de transição entre as amplas planícies do norte e o ambiente ondulado tropical do sul. "O limite entre o norte e o sul, diz

George Cressey, é claramente marcado pelo clima, pela vegetação natural, solo, colheitas e cultura. Em geral, este limite segue a crista dos montes *Tsingling*; perto das costas acha-se ao longo do rio *Hwai*" (*Asia's lands and peoples*). O citado autor inclui este setor na China do Sul. No litoral, a foz do rio Yangtse marca o fim da costa norte e o início da costa sul, ricamente recortada, de litoral alto, rios do tipo galiciano, ilhas numerosas e portos como *Ning-po*, *Futcheu*, *Chang-hai* (Changai) e outros.

Entra-se, assim, na parte mais povoada e mais humanizada da China, na qual a chave de todo e qualquer estudo geográfico é a *bacia do Yang-tse-kiang* que, apesar de amarelo, é chamado com insistência de *rio Azul*. Numa bacia fluvial que mede aproximadamente a área do nosso Estado do Amazonas, o Yang-tse-kiang tem um curso de 5.000 km. Nasce no Tibet e encaichoerado e rápido segue para o sul como os rios *Saluen* e *Mekong*. O Yang-tse-kiang parece, como eles, destinado à Indochina, mas três vezes é desviado para o nordeste pelo relevo do Yunan, mantendo-se sempre em alturas superiores a 2.000 metros. Quando ainda de tipo torrencial, o rio é vermelho pelas terras arrastadas pelas chuvas; no inverno suas águas clareiam. Variam as suas larguras de uma centena de metros entre falezas de dois ou mais quilômetros; sua velocidade alcança por vezes 18 km/hora. Este grande rio, chinês por excelência, apresenta vários aspectos geossociais e

econômicos, segundo a região que atravessa. Todos os trechos são ricos, muito povoados e de intensa exploração econômica, em direta comunicação fluvial; barcos a motor sobem o rio até 2.800 km do mar.

Na província do *Se-tchuen*, as montanhas se afastam e abrem ao rio a *Bacia Vermelha*, onde suas águas se expandem cercando colinas e planícies cultivadas em terraços que rendem várias colheitas anuais. Foi nesta região que encontrou um abrigo interior a capital chinesa durante a invasão japonesa; trata-se da cidade de *Tchung-king*, com cerca de 2 milhões de habitantes.

Ao sair da *Bacia Vermelha*, o Yang-tse entra novamente num vale estreito com cerca de 600 km. Quase que repentinamente modifica-se o cenário, diminuem os relevos e o rio novamente se alarga sobre 800 metros, mas tem menor profundidade. Com o derreter da neve o Yang-tse tem enchentes, mas suas águas encontram áreas inundáveis em grandes lagos laterais como o *Tung-ting* e o *Poyang*, bacias de recepção cujas orlas costeiras mudam frequentemente de forma. Nesse curso médio do Yang-tse surge o centro de *Wo-han*, formado por três cidades, das quais *Han-keú* é a mais favoravelmente colocada para a navegação, recebendo navios de alto mar de média tonelagem, a 1.130 km do litoral.

Chegando o Yang-tse à última etapa de seu ciclo, entra num delta, banha *Nankin* e alcança o *mar da China*, passando por *Changai* que transformou-se no século XIX no maior porto chinês, graças, principalmente, às "concessões" feitas para o estabelecimento de estrangeiros. É hoje uma cidade de 7 milhões de habitantes, centro comercial, financeiro e industrial do país, apesar da saída de grande parte do elemento estrangeiro com o novo regime.

e) A China Meridional

A China Meridional se destaca pelo aspecto desgastado do escudo chinês primitivo. A erosão a tornou quase exclusivamente uma região de colinas com cristas de rochas duras. Seu litoral oriental é uma costa de submersão muito recortada, apresentando baías, cabos e muitas ilhas. Pertencem a este litoral as ilhas de *Formosa*, de *Hainan* e *Hong-Kong*. Do interior sulista correm para o norte os rios que alimentam na China Central os lagos *Tung-ting* e *Poyang*. Entre vários pas-

sos que unem a China do Sul à bacia do Yang-tse, destacam-se os de *Mei-ling* (ou de *Tayu*) e o de *Tche-ling*. O rio mais importante da região é o *Sinkiang* que mede cerca de 1.800 km, percorrendo duas províncias sulistas, a de *Kuang-si* e a de *Kuang-tun*. Sua descarga é irregular, só enche com as chuvas de monção, permanecendo pobre o resto do ano; sua navegação, no entanto, é facilitada por forte maré, sentida até 300 km da foz. Suas bocas principais estão na região de *Cantão*, onde vivem cerca de 3 milhões de pessoas. Localizam-se ainda nesse delta a colônia britânica de *Hong-Kong*, sua dependência de *Kow-loon* e a possessão portuguesa de *Macau*. No litoral destacam-se os portos de *Fu-cheú* e *Amoy*.

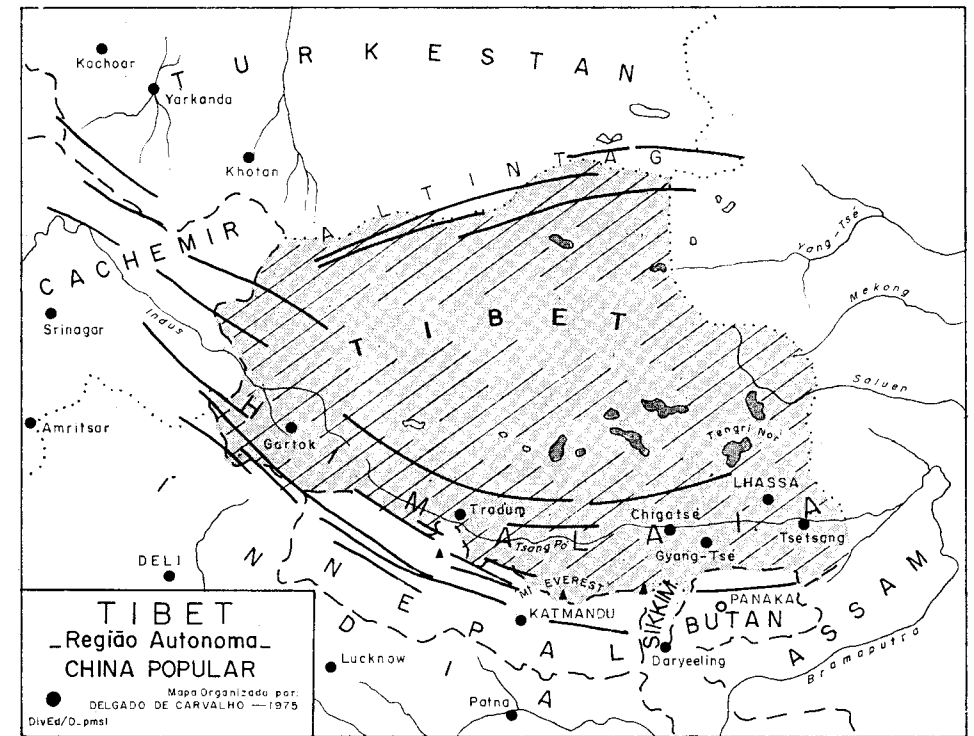
Este setor meridional, dotado de clima tropical, só foi tardiamente colonizado, mas transformou-se numa das áreas econômicas de maior importância no país.

d) As Regiões Autônomas

Pela Constituição Chinesa de 1954, composta de 106 artigos, o regime das dependências periféricas da República é determinado pelo artigo 3.º. Diz este artigo o seguinte: "A República do Povo da China é um Estado multinacional unificado. Todas as nacionalidades são iguais e livres de usar e desenvolver suas línguas faladas e escritas e de conservar ou reformar seus hábitos e costumes. A autonomia regional será aplicada em área inteiramente ou largamente povoadas de minorias nacionais. As áreas nacionais autônomas são parte inalienáveis da República do Povo da China".

Nestas condições, além de suas 22 províncias, a China atual possui regiões autônomas nas suas possessões periféricas. São estas regiões o *Tibet*, o *Sinkiang*, a *Mongólia Interior*, o *Kuang-si-Chuang* e o *Ningsia-Hui*.

— O planalto do *Tibet* é uma extensa bacia de cerca de 2.000.000 km² entre o *Himalaia*, o *Karakorum* e o *Kuen-lun*. Sua altitude média é de 5.000 metros, ultrapassando 7 mil em alguns de seus picos. Clima excessivo, vegetação de gramíneas, nada aí resiste à força dos ventos; cabras, iaques e alguns carneiros pastam nessas terras secas. Seus lagos são salgados como o *Tengri-nor* (ou *Nan-tsu*), que é um dos maiores ao norte de *Llassa*. Nascerem entretanto no *Tibet* os grandes rios do continente como o *Indus*, o *Bramaputra*, o *Saluen*, o *Mekong* e o próprio *Yang-tse*, pois apesar de sua aridez e de suas lagoas secas, o *Tibet* é



um dos maiores centros de dispersão de águas do mundo.

Correm estes rios sulcando vales profundos, paralelos, a pouca distância uns dos outros ao entrar no *Yunan*. É resultado da época das monções, da estação chuvosa do verão, por mais rara que seja a umidade, não falta neve nas alturas tibetanas.

O *Tibet* não é mais fonte exclusiva dos citados rios, pois, em 1944, foi desmembrado na sua parte nordeste para a formação de uma nova província chinesa, o *Ching-hai* (ou *Kukunor*), com capital em *Sining*.

Os tibetanos são de muito antigo tipo étnico *mongol*; sob o ponto de vista religioso são *budista* e *lamaístas*; seu soberano o *Dalailama* reside no *Potala*, palácio-mosteiro de *Llassa*, a "cidade proibida".

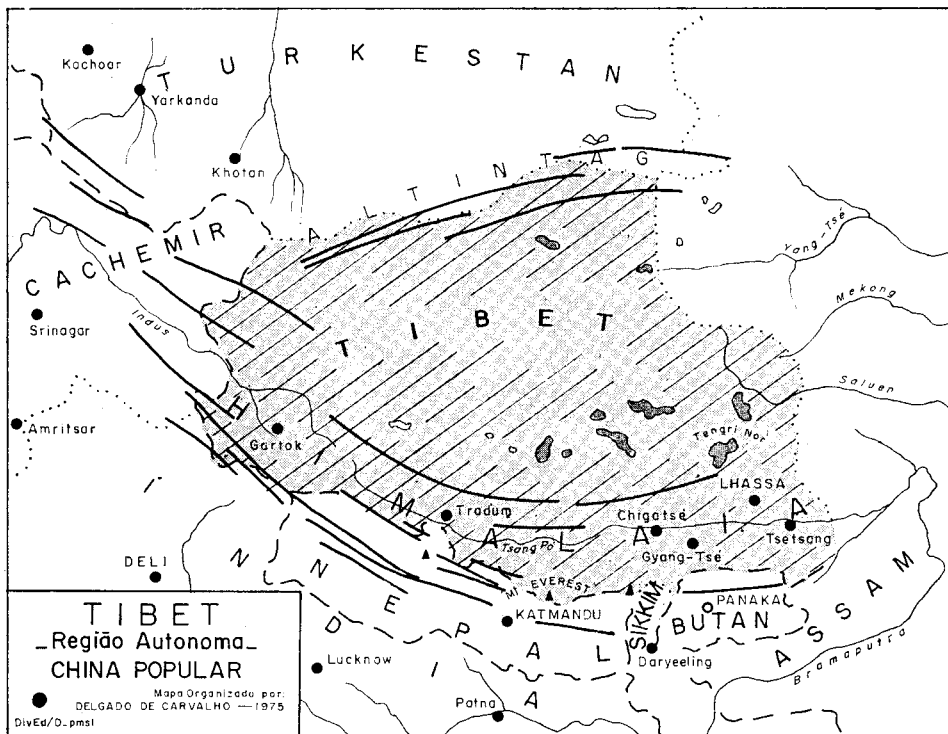
— O *Sinkiang* é outro planalto da Ásia Central outrora chamado *Turquestão Chinês* que se acha ao norte do *Tibet*, além do *Keun-lun*, do *Altyn-Tag* e do *Nan-Chan*, encostado ao *Pamir*, chamado o "teto do mundo onde o *Mus-tug-ata* alcança 7.440 metros.

O *Sinkiang* é um antigo fundo de mar, hoje deserto de areia a cerca de

mil metros de altitude média. O centro da região é o deserto de *Takla-Makan*, ligeiramente inclinado para leste. As areias se amontoam em dunas e pequenas colinas que os ventos mantêm em perpétuo movimento. As tempestades de areia duram por vezes dias, e obscurecem totalmente o ambiente em pleno dia. *Sven Hadin* lá descobriu as ruínas de duas cidades que, há dezenas de séculos, foram as "Pompéias Asiáticas", enterradas nas areias.

A vizinhança de serras circundantes alimenta grande número de correntes fluviais que se perdem nas areias ou alimentam o *Tarim*, rio coletor das águas que a ele conseguem chegar, ou para o *Lob-Nor*, cujas margens imprecisas sofrem frequentes alterações de contorno e dimensão devido aos ventos.

O clima é excessivo; varia de 26º a 28º centígrados no verão e de 6º a 8º o inverno. São poucas as chuvas, mas as geleiras alimentam os canais de irrigação. A permeabilidade do solo multiplica a linha de oásis que costeiam o *Altyn-Tag* de um lado e o *Tien-Chan* de outro. Este fato explica a existência de uma população de cerca de 5 milhões de habitantes na área. Destaca-se aí as cidades de: *Urumchi*, a capital; *Yarkand* que é sino-muçulmana;



um dos maiores centros de dispersão de águas do mundo.

Correm estes rios sulcando vales profundos, paralelos, a pouca distância uns dos outros ao entrar no *Yunan*. É resultado da época das monções, da estação chuvosa do verão, por mais rara que seja a umidade, não falta neve nas alturas tibetanas.

O Tibet não é mais fonte exclusiva dos citados rios, pois, em 1944, foi desmembrado na sua parte nordeste para a formação de uma nova província chinesa, o *Ching-hai* (ou *Kukunor*), com capital em *Sining*.

Os tibetanos são de muito antigo tipo étnico *mongol*; sob o ponto de vista religioso são *budistas* e *lamaístas*; seu soberano o Dalailama reside no Potala, palácio-mosteiro de Llassa, a “cidade proibida”.

— O *Sinkiang* é outro planalto da Ásia Central outrora chamado *Turquestão Chinês* que se acha ao norte do Tibet, além do Keun-lun, do Altyn-Tag e do Nan-Chan., encostado ao *Pamir*, chamado o “teto do mundo onde o Mus-tug-ata alcança 7.440 metros.

O Sinkiang é um antigo fundo de mar, hoje deserto de areia a cerca de

mil metros de altitude média. O centro da região é o deserto de *Takla-Makan*, ligeiramente inclinado para leste. As areias se amontoam em dunas e pequenas colinas que os ventos mantêm em perpétuo movimento. As tempestades de areia duram por vezes dias, e obscurecem totalmente o ambiente em pleno dia. Sven Hadin lá descobriu as ruínas de duas cidades que, há dezenas de séculos, foram as “Pompéias Asiáticas”, enterradas nas areias.

A vizinhança de serras circundantes alimenta grande numero de correntes fluviais que se perdem nas areias ou alimentam o *Tarim*, rio coletor das águas que a ele conseguem chegar, ou para o *Lob-Nor*, cujas margens imprecisas sofrem frequentes alterações de contorno e dimensão devido aos ventos.

O clima é excessivo: varia de 26° a 28° centígrados no verão e de 6° a 8° o inverno. São poucas as chuvas, mas as geleiras alimentam os canais de irrigação. A permeabilidade do solo multiplica a linha de oásis que costeiam o Altyn-Tag de um lado e o Tien-Chan de outro. Este fato explica a existência de uma população de cerca de 5 milhões de habitantes na área. Destacase aí as cidades de: *Urumchi*, a capital; *Yarkand* que é sino-muçulmana;

Kashgar e Khotan na estrada orlando o deserto que leva à vertente russa.

— Ao norte do Sinkiang abrem-se, na grande orla montanhosa, entre o *Tien-chan* e o maciço do *Altai*, os passos da região chamada *Dzungária* que desempenhou importante papel na história da humanidade. É a porta aberta entre o ocidente e a Ásia Central que serviu às invasões de hunos e mongóis, povos cavaleiros migrantes, através das estepes. A *Dzungária* apresenta três passos principais; dois são separados pelo pequeno maciço do *Tarbagatai*. Entre esse maciço e o *Altai* corre, em terra chinesa, o rio *Irtych* principal tributário do siberiano *Obi*. Outro passo segue as depressões lacustres à beira do relevo central; o terceiro passo leva pelo vale do *Ili* ao lago *Balkach*. A passagem é guardada, na parte chinesa, pelo antigo centro rodoviário do *Kulja*, muito disputado entre a Rússia e a China, no fim do século passado.

— A extensa faixa desértica do *Gobi* (ou Chama dos Chineses) que se alarga ora pedregosa ora arenosa, entre a China e a Rússia, constitui a *Mongólia*. Foi dependência da China desde o século XVII; durante o século XX passou a ficar alternativamente sob a proteção russa e chinesa até 1921.

Ao norte e ao sul, orlas serranas enquadram a longa e larga faixa desértica; recebem as poucas chuvas que desaparecem ao descer nas areias ou nos lagos salgados. Entre os rios, na vertente norte, destaca-se o *Selenga*, tributário do lago *Baikal*.

Em 1924 foi proclamada, na parte vizinha da Rússia, a *República Popular da Mongólia*, com sua capital em *Ulan Bator* (antiga *Urga*), importante encruzilhada de estradas de caravanas e carros. E cidade santa budista, mongol e chinesa, contando com mais de 280 mil habitantes. A parte meridional da *Mongólia* ficou sob a dependência da China, sob o nome de *Mongólia Interior*. Faz parte integrante desta região autônoma o deserto de *Ordos*, vasto planalto quadrado envolvido em três lados pelo rio *Hoang-ho*.

A poucos quilômetros deste rio ergue-se o *Kweisui* (Huehot) centro comercial e cidade santa, hoje capital da região.

2 — Evolução Social

a) Tipos Sociais e Línguas

A feição mais característica da China é a *antiguidade e continuidade*

de sua cultura. As práticas, as cerimônias, os rituais, os provérbios, tudo se repete em todos os lugares, em todos os tempos, apesar da ideologia do sul sempre se revelar mais radical do que a conservadora tradição nortista.

A história autêntica da China, comprovada pela arqueologia, conta oito séculos antes de nossa era. Na periodicidade dos abalos revolucionários que se repetem, ao se substituírem as dinastias, há uma certa ordem que não rompe a continuidade, resultante da imensidade territorial homogênea. O seu espaço físico é distante do mundo clássico em evolução, mas não permanece totalmente isolado: apresenta fronteiras com *passos e zonas de contacto*. Poucas são, entretanto, as fases históricas de sincronismos que registram relações. As viagens de Marco Polo são das mais informativas.

A civilização chinesa, até meados do presente século, formou um bloco de *experiência social*, o mais duradouro de todos os tempos. O Egito, Grécia, Roma e Santo Império constituíram blocos históricos do ocidente, enquanto a China evoluía lentamente, sem estagnação. A superioridade da cultura chinesa existiu na antiguidade e Idade Média; somente nos tempos modernos é que foi ultrapassada pela Europa.

As origens das populações da China são objeto de interpretações diversas. Hieróglifos e caracteres chineses, observados em alguns lugares distantes, determinaram hipóteses mal justificadas de origens egípcias ou sumerianas. Muito mais acertada é a tese que apresenta os chineses como *populações nômades*, fugindo do norte asiático diante da seca progressiva determinada pelo recuo das geleiras e se tornando *sedentárias no vale do rio Hoang-ho*. Nos outeirinhos de Yin, na baixada deste rio, foram descobertas conchas, ossos e escamas gravadas relatando a existência pré-histórica destas populações. Hoje, é sob o controle do Estado que são feitas as pesquisas de Yin. (Academia Sinica — 1927). No vale do *rio Wei* e da cidade de *Sian* desenvolveu-se uma civilização que durou seis séculos; seus colonos foram aos poucos deixando as grandes planícies e encontrando as *populações bárbaras* de caçadores e pescadores da região do *Yang-tse*. Nesta luta pela ocupação de terras, por pioneiros do norte e “far west” chinês, destacaram-se duas dinastias de tradições mais ou menos lendárias, os *Chang* (ou Yin) e os *Tcheu* que transferiram sua capital para *Lo-yang*. Para a proteção do território contra as invasões, no tempo

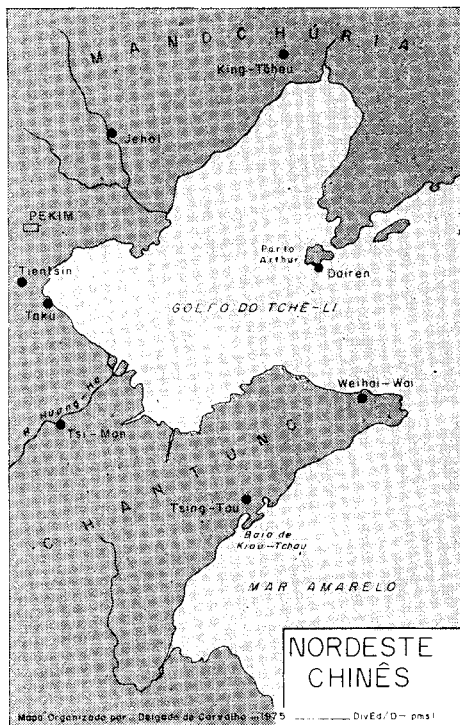
dos Tcheu, foi instaurado o *regime feudal*.

Certos sociólogos explicam a população chinesa como composta de duas correntes étnicas: os indígenas *agricultores* e os *conquistadores* oriundos da Ásia Central.

Quaisquer que sejam as diferentes origens do povo chinês, a sua *etnia não é homogênea*, mas é formada por raças mongólicas. No norte, os indivíduos são, em regra, de estatura mais alta e mais claros; os sulistas são de estatura mediana, olhos negros, dobra mongólica, boca larga e barba rala. Nos territórios exteriores há maior variedade de tipos. É notável, entretanto, que a unidade étnica seja muito menos marcada do que a *unidade cultural*.

Um rápido estudo dos caracteres morais dos chineses foi feito pelo Professor Jean Escarra do Curso de Altos Estudos Chineses e Conselheiro do Governo Chinês (1937). A feição moral do chinês é de certa *complexidade*, em função de sua organização social de *camponês primitivo*, mas sutil com eminentes qualidades e sórdidos defeitos que as negam; é pois, um ser *enigmático*. Sua memória é considerável, seu espírito revela mais intuição do que lógica; prefere as construções abstratas às lógicas, é indiferente aos princípios de causalidade e contradição. São notáveis os seus talentos de *observação*; sua *aptidão ao trabalho* é prodigiosa, sua vitalidade é surpreendente, assim como sua simplicidade e frugalidade. É bem conhecida a sua palidez lendária; sua hospitalidade e paciência são proverbiais. Bom e pacífico, gosta da vida em família, respeita os mestres e o *culto aos antepassados*. A solidariedade o leva, por vezes, ao nepotismo, ao parasitismo e mesmo à corrupção. Tem culto doentio ao passado, prende-se as forças conservadoras, mas nem por isso revela um senso nacional de verdadeiro patriotismo.

A *língua sino-tibetana*, que na Ásia serve de expressão à quarta parte da humanidade, é talvez o fator principal da *unidade chinesa*. Desempenha, há muitos séculos, o papel que tiveram na Europa o grego e o latim. É ainda a língua literária de toda a parte oriental do continente. É *monossilábica*, formada de sons e de tonalidades. A unidade, porém, resulta da língua escrita, e não da falada, pois os caracteres do chinês literário são pronunciados de modos diferentes segundo o dialeto do leitor. É o que se dá entre nós ocidentais: a figura de um cavalo inglês, alemão e francês dão três nomes dife-



rentes. A palavra escrita chinesa é, pois, uma figura e não rege homofonia quando falada. Esta multissecular unidade da língua não comporta nem declinações nem conjugações nem particularidades gramaticais, mas apenas *inflexões*. Os letrados, diz Jean Escarra, têm a sua disposição um monumental tesouro de citações clássicas e alusões históricas... cuja tradução de algumas linhas exige páginas de comentários.

b) A Tradição

A *tradição chinesa* atribui ao imperador Fi-Hi o estabelecimento do rito matrimonial, há cerca de 5.000 anos, dando início, assim, a sociedade *patriarcal* e sistema *familiar* na China. Antes daquela época, só eram conhecidas as mães e não os pais, relata o Professor Kiang-Kang-Hu, da Universidade de Pekim. Daí em diante, o casamento por raptio foi sucedido pela compra e finalmente pelo contrato civil por arranjo dos pais, baseado na igualdade dos direitos dos esposos.

A família chinesa sempre contou muito maior número de membros do que a família ocidental (pais, avós, tios, irmãos solteiros, etc). Faltando os pais, cabe a administração da família ao fi-

lho mais velho; antigamente podia chegar a centenas de membros dependentes, tanto mais que, além dos parentes, o concubinato e a poligamia admitiam mais esposas e mulheres. A este respeito, os antigos ritos proporcionavam aos diferentes graus ou classes sociais o número de amásias caseiras que lhes cabia; para os mandarins não haviam restrições. Em geral serviam às esposas, mas ao terem filhos, as concubinas eram promovidas a esposas.

O *amor filial* foi tido na China como o valor humano fundamental. Espera esse sentimento não só dos filhos como dos netos, sobrinhos, genros e noras. Três das cinco virtudes sociais devem se manifestar na família diz **Kiang-Kang-Hi** — o amor filial, a veneração dos velhos, e a fidelidade entre marido e mulher. As duas outras são a lealdade ao soberano e a sinceridade entre amigos. Este autor julga que o *culto aos antepassados* é a “religião indígena e universal da China”, praticada desde o mais alto governante até o mais humilde coolie, três vezes por ano em cerimônia de sacrifícios. Este culto é apenas a continuidade do amor filial. São quatro os ritos familiares: a madureza, o casamento, as exéquias e o culto ancestral. “Eu reverencio os espíritos como se estivessem presentes”, disse Confúcio.

A família chinesa é constituída de várias gerações e pode contar centenas de membros; o *chia* é a família chinesa. Em organização mais larga constitui o *clan* que é o *tsu*. Todos têm o mesmo sobrenome indicando a origem; por vezes formam aldeias ou vilas autônomas. O *clan* chinês é resíduo do antigo sistema tribal de governo democrático. Na opinião do Professor **Kiang-Kang-Hi** foi esta instituição a que mais preservou o país de uma monarquia opressiva e das lutas civis destruidoras. O *clan* tem funções governamentais importantes (granjearia, escolas, caridade pública, construção de estradas). Antigamente cabia-lhe a solução de casos civis e criminais. Com a adoção de idéias modernas, este sistema familiar tem tendência a desaparecer; o comércio, a indústria, a emigração favorecem o *individualismo*, a *igualdade* e a *solidariedade nacional*, tornando-se a família do estilo antigo um obstáculo às novas aspirações.

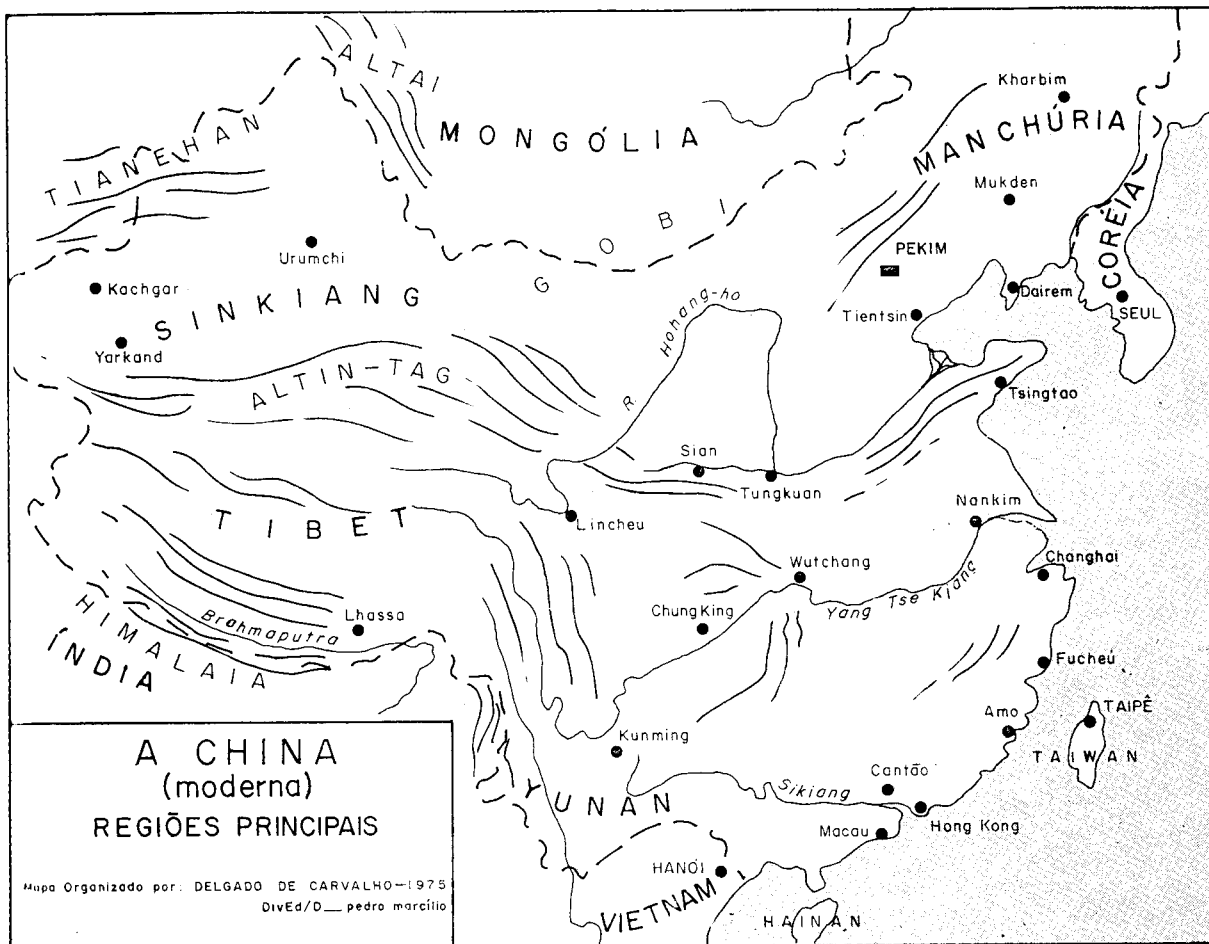
Os princípios que levaram a família chinesa a um constante alargamento de sua atuação social foram os que ditaram as funções governamentais do Imperador tido como chefe de

todas as classes e famílias por *mandato do Céu*. “Qualquer que fosse ele, diz Fernand Farjanel, era considerado por todos como um semideus, filho místico do Céu — Tientzeu — e como pai de todo o seu povo. Era ele o pontífice da nação... No seu faustoso palácio, cercado de muros e fossos, reinava invisível, em roupa de seda amarela e de ouro, no meio de concubinas e eunucos”. Daí só podia resultar um *governo autocrático*, com poder absoluto, embora distante da personalidade real do soberano. A este cabiam três nomes: o nome do reinado, o nome dinástico e seu nome póstumo. Por exemplo: **Kang-Hi** que esteve 61 anos no poder (1661-1722), além do seu nome, foi “Centelha Azul” e “Avô Santo”.

A *administração central* abrangia o Grande Conselho, corte suprema dos sinodos imperiais; o Grande Secretariado ou Chancelaria e os seis Ministérios ou Tribunais Supremos. Depois de 1900 tinham sido feitas grandes mudanças. Já depois da guerra de 1860 as relações exteriores tinham levado à criação do *Tsung-li-Yanien*. O recrutamento de funcionários civis era feito na classe dos letrados sob três graus de exames. O vestuário, a cor dos botões, as plumas de pavão eram os sinais distintivos do serviço público. É excusado lembrar que foram os *sucessivos contactos com a Europa*, na segunda parte do século XIX, principalmente, que levaram as autoridades chinesas a modificar muitas instituições tradicionais, a criar numerosas funções novas, fatos que o Japão sentiu logo e que a China só executou com atraso e prejuízos.

c) *Religiões*

Foram consideradas como religiões oficiais do Estado Monárquico Chinês o *Confucionismo*, o *Taoísmo*, ambas nacionais de origem e o *Budismo*, religião estrangeira, posteriormente introduzida no século I de nossa era. Várias outras, como o *Cristianismo*, o *Judaísmo* e o *Islamismo* também foram praticadas na China por numerosos adeptos, nos séculos XIV e XV, com destinos diferentes. O Cristianismo, por exemplo, entrou na China sob forma *nestoriana* e desapareceu com os mongóis. No século XVII foram organizadas missões pelo Jsuíta **Matteo Ricci**, mas a obra religiosa efetuada foi combatida pelos franciscanos dando lugar a *Questão dos Ritos*. Eram consideradas idolatrias as concessões feitas pelos jesuítas ao culto dos mortos e a Confúcio. Uma Bula do Papa Bento XIV condenou os jesuítas e comprometeu a propaganda cristã no país.



Quanto aos muçulmanos, seu centro de ação foi, desde o século VIII, a cidade de Cantão; prosperou o islamismo na China no período mongol, irradiando-se para todo o Extremo Oriente até o Japão e Málaca.

As três religiões dominantes de Confúcio, de Lao-tse e de Buda, sempre contaram com a benevolência imperial e tiveram seus respectivos períodos de influência; o Confucionismo porém sempre predominou na Corte. É justo, entretanto, notar que o Budismo e o Taoísmo eram mais tolerantes e o Confucionismo mais ciumento e mesmo perseguidor dos templos e mosteiros dos outros cultos.

Entre os letrados chineses o confucionismo tem mais aceitação. Não existe propriamente antagonismo entre as três religiões; para o homem do povo, a insuficiência espiritual do Confucionismo é compensada pelo espiritualismo do Budismo e pelo dogmatismo Tao-

ísta, da imortalidade da alma. A religião é assim eclética. Aliás um fato deve ser notado: nenhuma das três religiões representa exatamente o ensinamento de Saquiamuni, de Confúcio e de Lao-tse; estes fundadores de religião adotaram ou modificaram sistemas religiosos antigos aos quais acrescentaram idéias que lhe deram nova orientação e continuaram evoluindo.

— Quando em 551 a.C. nasceu no Reino Lu-Kung, Fu-tseú (o Mestre Kung), Confúcio, a China estava sob regime feudal em decadência; dinastias rivais se guerreavam; reinavam o luxo, a inveja e os conflitos. O jovem Confúcio revelava uma seriedade precoce e logo entrou na administração econômica do Reino. Estudou filosofia e, segundo a tradição, teve uma entrevista com Lao-tseú em 518 a.C. No serviço público de seu Estado de Lu destacou-se como Ministro de Obras Públicas. A inveja do rei do Estado de Tsi, seu vizinho, levou este concor-

rente a enviar ao rei de Lu 80 dançarinas e 120 belos cavalos de presente. O efeito foi rápido, Confúcio, escandalizado, decidiu deixar o governo e passou o fim de sua vida a viajar, a estudar e a escrever a sua obra — Os Livros Canônicos. Incluíam estes escritos numerosas obras: Livros de História, de Poesia, de Ritos, os Anais das Estações, o Livro do Amor Filial, Rituais e Comentários. Nesta obra eram incluídas conversas do mestre com seus discípulos. A chamada religião de Confúcio era menos uma filosofia do que uma moral.

Meticuloso e formalista, não era supersticioso, mas sempre respeitou o mundo invisível, enunciava rigorosos preceitos, instituiu sacrifícios propiciatórios para o Ente Supremo (Chang-Ti). Seu código de moral era prático, mas nada exigia de heroico. Preconizava as cinco virtudes cardiais: bondade, equidade, conveniência, sabedoria e sinceridade. O objetivo de Confúcio, naquela era de perturbações sociais, era a renovação do indivíduo e do Estado para voltar a “idade de Ouro” do passado. Nunca, entretanto, desempenhou ele o papel de um chefe religioso. Durante sua vida foi relativamente pouca a sua influência. “Embora o insucesso o tenha acompanhado na sua vida errante, diz Soothill, a sua filosofia não tinha que desaparecer. E se esta nunca satisfizesse aos homens em geral, como prova o sucesso do budismo e taoísmo, ela interessou, no entanto, aos elementos conservadores e instruídos, constituindo a base e o ápice da religião e moral chinesa”. (Les Trois Religions de la Chine).

Um século depois da morte de Confúcio nascia *Mong-tse* ou *Mêncio*, continuador de sua doutrina. Seus contemporâneos, na Grécia, foram Platão, Aristóteles e Demóstenes; Mêncio foi discípulo de um neto de Confúcio. Refere-se também ao céu e ao ente supremo Chang-ti; acredita na bondade original do homem, mas julga os ensinamentos morais mais importantes do que os sacrifícios. “A natureza do Homem tende para o Bem, como a água corre para baixo”, escreveu Mêncio. Mas as idéias igualitárias deste filósofo nem sempre agradaram os imperadores chineses. “São verdadeiramente originais os seus conceitos políticos e sociais. Como Confúcio, ele acredita na igualdade de todos os homens; mas ultrapassando seu mestre, ele precede o pensamento de sua época. Ele é o primeiro democrata, derruba de seu pedestal os imperadores, considerando-os como simples mortais, aos quais cabe somente cuidar do bem-estar do povo pelas suas virtudes, sua sapiência e

sua dignidade” (Yan Chaucer — Philosophie Morale et Politique de Mer-cius).

— Quanto ao segundo fundador de cultos na China, foi o tesoureiro arquivista da Corte Imperial, *Lao-tse*, que, ao partir em viagem para o oeste, escreveu na fronteira o seu livro, o “*Tao-te-king*”, no qual se nota a influência do budismo. É a base do culto taoísta primitivo. A sua idéia da divindade é o Tao, a Grande Via do Mundo, a Razão Suprema da Natureza. Sua filosofia preconiza a não intervenção, a inação, o quietismo, a inutilidade do conhecimento sensível, a relatividade do tempo e do espaço. “É por ter tido sábios que existem ladrões”, diz seu discípulo Tchuang-tse, que julga o homem possuidor do Tao, um indiferente aos bens deste mundo. Os discípulos de Lao-tse em vez de se manterem no misticismo de seu mestre, seguindo suas especulações racionais, passaram logo a explorar o lado mágico das crenças chinesas. Um deles, *Tao-ling*, desmoralizou o taoísmo, se dedicando a descoberta do “elixir da longa vida”. Multiplicaram-se as sociedades secretas, filiadas ao taoísmo e os excessos dos *boxers*, no início deste século. Acredita-se hoje que a queima dos livros clássicos de Confúcio, por ordem de *Tche-huang-ti* tenha sido em parte causada por idéias taoístas.

— O *Budismo*, religião estrangeira, só entrou oficialmente na China no século I. O Imperador *Ming-ti* enviou à Índia uma missão de informação que de lá trouxe livros búdicos, estátuas e monges. Começaram as peregrinações para a Índia, mas a Igreja Budista ficou sob o controle chinês, estabelecendo-se o Patriarcado sob o 28.º sucessor de Buda, em 526. No século XV nasceu o budismo tibetano sob influência de cristãos nestorianos. Esta reforma chamada *lamaismo* teve sua sede em Llassa. Conheceu o Budismo uma fase de prosperidade sob o domínio dos mongóis de Kubilai-Kan e seus sucessores.

O budismo chinês adotou, sob forma de apólogos, a doutrina do *Karma*, isto é, da transmigração da alma e sua reencarnação sob formas humanas ou de animais, segundo foram boas ou más as ações cometidas nas existências anteriores. De todas as virtudes búdicas, a mais alta foi a caridade, a mais praticada pelos que queriam entrar nas ordens e se tornarem budas. Eram estes homens cheios de méritos, candidatos a iluminação, os *bodsatvas*, que evadiam-se deste modo dos ciclos dos renascimentos, entrando no *Nirvana*, que é a extensão do desejo de viver, verdadeiro estado de repouso. Saquia-

muni foi o primeiro a ser Buda. Hoje o seu culto na China prevalece sobre o *Grande Veículo ou Malhayna*, que incluía a divinização do Buda, embora tenha vigorado o *Pequeno Veículo ou Hinayana*, simples comemoração do homem superior, culto positivista e agnóstico.

— Em suma, várias foram as idéias religiosas que exerceram influência sobre os chineses. O *Confucionismo* beneficiou-se da constante preferência da maioria dos letrados e da Corte, chegando mesmo, em certa época, a perseguir e combater por escrito as demais doutrinas. “Nenhuma das renovações religiosas, diz o sinólogo francês Marcel Granet, chegou a afetar seriamente as velhas crenças da China. Tiveram, principalmente, por efeito aumentar o número de deuses e a indiferença em matéria de dogma. Os chineses adotaram em definitivo uma espécie de *positivismo supersticioso* que aceita todas as formas religiosas na medida em que se tornam eficientes, utilizando-as todas um pouco, para experimentar; pois todas, em dado momento, em caso particular, para tal indivíduo, podem servir de alguma coisa que, no fundo, só trata de respeitar as tradições (La Religion des Chinois).”

A esta tendência ao indiferentismo religioso na China correspondia o secularismo do tempo presente que vinha afetando as três doutrinas que lá dominaram. O Budismo, pode-se dizer, está em decadência desde o século X (dinastia Tang). O Toaísmo está mais esquecido ainda, por ter organização mais fraca e haver degenerado em mágica e superstição, com o seu concorrente o animismo que ganhava as classes populares. O Confucionismo, pelo contrário, oferecendo um fundamento cultural ao Estado e à Família, tem se mantido como culto oficial desde a dinastia Han (208 a.C. — 220 d. C.) Mas o século XX deu nesta sólida filosofia um golpe tremendo com a abolição dos “clássicos confucionistas”, nos exames do serviço civil, em 1905, para versarem sobre matérias mais práticas da cultura ocidental. Esta reforma enfraqueceria também a base sobre a qual ainda repousava a monarquia.

A mudança mais significativa, porém, se deu com o surto e rápido crescimento do *Cristianismo* que veio então em substituição da cultura clássica. Era, desde a última década do século passado, obra de missionários católicos e protestantes. O movimento era combatido pelos elementos revolucionários em formação. *Sun-Yat-Sen* era cristão e *Chiang-Kai-Chek*, depois de suas ten-

tativas de reforçar o Confucionismo, converteu-se ao Cristianismo. A obra das missões cristãs constituiu uma das fontes mais eficientes da resistência chinesa à invasão japonesa, durante a Segunda Guerra Mundial.

3 — Desenvolvimento Econômico

a) *Ambientes Naturais*

A população chinesa é essencialmente *rural*, pois cerca de 85% dela consta de camponeses. O *habitat rural* é *muito concentrado* e constitui perto de 1 milhão de aldeias. As *casas* com pisos de terra e vigamento de madeira, têm paredes de tijolos ou de adobe; um fogareiro aquece a cama familiar. No norte, terra de lóess, a habitação é frequentemente na rocha; no sul, encontram-se nas imediações dos rios, aldeias formadas de juncos e *barcaças* comunicando-se entre si. Na principal peça da casa está o altar dos antepassados, onde são executadas as cerimônias familiares.

No seu estudo sobre o campesinato chinês, diz o Professor Victor Prévot que aos campos cultivados só cobrem 27% do território chinês. “As montanhas, diz ele, são frequentemente descalvadas, privadas de seu revestimento florestal e não são cultivadas. O campônio chinês ignora a criação que valoriza as nossas montanhas européias. Os campos pequenos são muitos nas planícies à beira dos rios, ou das poças d’águas para a irrigação. A superfície média das parcelas a cultivar varia de 30 a 50 ares. As empresas têm em média 90 ares para nutrir uma família de seis pessoas. Estes exíguos domínios são *trabalhados à mão*; técnicas minuciosas, elaboradas por gerações de camponeses, tornam a cultura da terra chinesa numa verdadeira jardinagem. A terra não descansa, pois tem que dar várias colheitas para nutrir numerosa população”. (Géographie de Monde Contemporain).

Na primavera, o Imperador costumava traçar solenemente o primeiro sulco do ano, cerimônia que era repetida nas diferentes províncias pelos seus respectivos chefes.

Apesar dos métodos atrasados, as regiões férteis, com a prática da irrigação, permitem várias colheitas anuais; o esterco é muito utilizado. “O calendário, diz o professor Jean Escarra, base de toda a vida agrícola, era uma das grandes preocupações do Estado. Foi notada a sua extraordinária precisão, baseada na experiência adquirida por observações seculares.

Num país cuja filosofia social e política comporta um conformismo humano, à ordem do Universo, a existência dos camponeses é mais do que em qualquer outro lugar uma rigorosa obediência às ordens da Natureza". (La Chine — Passé et Present). Daí resulta uma certa *passividade*, característica do lavrador chinês, que sofre das secas e das inundações com resignação. Quando os males eram generalizados, eles acreditavam que o Céu tinha julgado mau o governo, e assim retiravam da dinastia o mandato do Céu.

Apesar da milenar experiência, há deficiências na prática rural, como a colocação obstrutiva de túmulos nos campos, a formação arbitrária de pistas e caminhos e o hábito, mais prejudicial ainda, de derrubar nas colinas e morros as matas protetoras contra as inundações, sem ser aproveitado o terreno calvo.

É interessante lembrar que o antigo processo chinês de *cedência e fruição das terras*, mais precisamente o *tsing-tien*, consistia em dividir a terra em partes iguais, cabendo o quadrado central ao Estado. No século IV a.C., relata Jean Escarra, o sistema foi abolido, substituído alternativamente por regimes de liberalismo absoluto e regimes de socialismo de Estado. Mas, de um modo geral, sempre passou a prevalecer um *sistema de arrendamento*, complicado pelo regime social de famílias e clans, mosteiros e guildas, proprietários ricos e arrendadores. O fato é que o preço do arrendamento era altíssimo e o citado autor relata que 72% dos lucros pertenciam ao proprietário. "Estas condições, conclui, se prolongaram durante séculos e tiveram as mais funestas conseqüências sociais, entre as quais o banditismo foi a principal".

b) *A vida Rural*

A grande *produção agrícola* da China consiste principalmente em substâncias alimentares, predominando o consumo de ensopados de cereais. O *arroz* é o cereal mais importante na produção anual; os arrozais rendem por ano duas ou três vezes mais que os outros cereais. É nas regiões tropicais dos deltas do sul e no baixo Yang-tse que se localizam as maiores culturas de arroz. Em 1959 cerca de 90 milhões de toneladas de arroz chinês representaram quase metade da produção mundial. É nas colinas mais baixas que se estendem em planos encadeados os arrozais do sul, até as orlas fluviais que costeiam "sompares" habitados.

O *trigo de inverno ou de primavera* é cereal do norte, cujas planícies tam-

bém apresentam o *milhete*, o *milho* e o *sorgo*. É na terra amarela, onde o *loess* cobre vastas extensões uniformes, que, sob poucas chuvas e invernos frios, a bacia do Hoang-ho vem se transformando graças as 70 barragens que irrigam o que outrora o rio circundava. Quanto ao milho, embora a área plantada na China, cerca de 10 milhões de hectares, seja igual a do Brasil, a nossa colheita foi a metade da produção chinesa em 1971.

A dieta alimentar chinesa também comporta forte proporção de *oleaginosas*, de *legumes* e *batata-doce*. Quanto à *criação de gado*, limita-se geralmente a suínos e galináceos. O gado *vacum* de maior porte é de pouca procura para a criação, por ser um concorrente na alimentação do homem, e este, pelo seu trabalho manual e seu esforço maior, supre à falta de tração animal.

Familiares também são as *culturas comerciais* entre as quais se destacam o *algodão*, a *seda*, o *chá* e o *fumo*. É ainda na bacia do Yang-tse que mais se cultiva o algodão de fibras curtas. Quanto à *teácia* que fornece o chá é uma das culturas mais famosas da China, necessitando de delicadas técnicas para o preparo de suas folhas. É exportado por mar, verde ou seco, ou em tijolos pelas caravanas da Ásia Central. A Índia e o Ceilão (Sri-Lanka) são fortes concorrentes da China no comércio do chá com a Europa Ocidental.

"A amoreira, diz V. Prévot, é um dos elementos da paisagem da China, mas a sua grande cultura localiza-se nos deltas do Yang-tse e do Sikiang onde prevalece um clima mais úmido e mais quente. A sericicultura ocupa numerosa mão-de-obra feminina, pois exige um trabalho considerável: colheita das folhas da amoreira, criação de bichos da seda, dosagem dos casulos". (Geographie du Monde Contemporain).

As *magnanérias* (estabelecimentos de sericicultura) ainda sofrem na China da falta de higiene e epidemias, mas a sua produção é importante. A *Estrada da Seda* foi uma pista antiga e medieval da Ásia Central, seguida pelas caravanas.

c) *Mineração e Indústria*

Embora possuidora de um subsolo, talvez o mais rico do Globo, a evolução histórica da China não permitiu que, durante milênios fosse aproveitadas as suas reservas de modo suficiente. São consideráveis as riquezas minerais. Uma imensa *bacia carbonífera* se acha na região do médio Hoang-ho; pequenas bacias do mesmo produto existem no sul. Uma distribuição aná-

loga entre norte e sul se dá quanto às jazidas de ferro. Na Bacia Vermelha, no centro do país, destaca-se a presença do petróleo. Quanto ao estanho, localiza-se no sul na bacia do Sikiang. A Mandchúria é rica em hulha, ferro e cobre. Não faltam à China nem manganês no sudeste, nem mercúrio no sul, nem tungstênio. A localização destes abundantes recursos ainda é tão imprecisa que os mapas que os revelam variam tanto na distribuição como na abundância das indicações. Aos poucos, porém, vão se concentrando nas regiões mineiras os centros das indústrias pesadas; os principais centros siderúrgicos se acham ao longo do Yang-tse e na Mandchúria.

Pode-se dizer que a revolução industrial está transformando a geografia regional do país, contribuindo para o predomínio do norte sobre o sul. A formação de novas grandes cidades está atraindo milhões de elementos rurais pelos salários pagos. "A China possui mais de 35 milhões de operários na grande indústria, e conta com 15% de cidadãos. O impulso urbano acompanha, por bem ou por mal, a Revolução Industrial, diz V. Prévot. A crise de moradia e de alimentação leva à mobilização dos cidadãos para a agricultura.

O recente desenvolvimento industrial começou com as fábricas de tecidos e a fundação de sedarias, moagem, fábricas de fósforos e aciarias. Com o Plano Quinquenal principiou o trabalho na indústria pesada, com o auxílio russo que pouco durou, e com o Grande Salto para a Frente que faliu. Continua entretanto em escala mais modesta a fabricação de cimento, de instrumentos agrícolas, produtos químicos, plásticos e construção de veículos.

Possui a China um potencial hidrelétrico considerável (Wu-han, Futchéu, Lan-cheu, Changai) que vai sendo aos poucos aproveitado. A China está destinada a se entregar à grande indústria de transformação em vista dos consideráveis recursos minerais que possui e das matérias-primas de que dispõe; de grande vantagem também é a posição geográfica que coloca estas riquezas na vizinhança dos grandes rios navegáveis ou das costas.

Nestas condições, é interessante uma comparação entre a China em via de notável desenvolvimento econômico e a sua situação no princípio deste século sob a monarquia mandchu. Sua vida urbana de aparelhamento econômico rudimentar, nas mãos de

um artesanato pobre, só produzia, como na Idade Média do Ocidente, o indispensável à existência. Como na Europa, possuía a China suas Corporações que reuniam os profissionais em guildas. Um fato, entretanto, deve ser lembrado, é que haviam sempre ricos que pagavam o notável desenvolvimento artístico para a sobrevivência de pobres escultores, pintores, joalheiros, ceramistas e gravadores, durante os vários séculos de isolamento cultural.

A este propósito, não há dúvida que o atraso revelado pela China, ao ser visitada pelos ocidentais nos tempos modernos, era evidente, mas relativamente recente, por que a China dos séculos anteriores ao Renascimento, era, em muitas coisas, mais adiantada do que a Europa medieval. Já no século V, diz Antonio Bonifácio (Histoire), o chinês Mo-ti enunciava princípios da ciência, baseados na indução e dedução, utilizando, além das observações, a experimentação. Até o século XIII, tinham os chineses acumulado invenções, empíricas talvez, mas reais, principalmente em astronomia, em matemáticas e em medicina. Nesta última ciência, além do diagnóstico por meio de pulsações, praticavam desde o século III a acupuntura de agulhas finas para picar o corpo, operação cirúrgica que o ocidente só adotou em 1927. É justo lembrar também que além de aproveitar progressos de seus vizinhos do Oriente Médio, conta nas suas invenções o papel, a imprensa, a bús-sola e a pólvora.

d) Comunicações e Comércio

Os grandes dobramentos do relevo alpino-himalaio e o recuo das geleiras árticas em eras passadas isolaram geograficamente a China por meio de barreiras montanhosas no sul e planícies desérticas no norte. Este isolamento do resto da Eurásia desenvolveu, na parte oriental do continente, condições de vida de raças mongólicas, entre outras as chinesas. Constituiu-se assim um grupo humano que logo procurou relações com o ocidente, embora a distância o tenha mantido quase sempre afastado. As primeiras manifestações de intercâmbio se deram com os chamados Roteiros da Seda e com a navegação nos mares asiáticos, isto é, com a Ásia Central e com a Arábia principalmente. Este tráfico chinês constava então quase que exclusivamente de mercadorias de luxo, em vista da extensão do percurso, do tempo, dos riscos e perigos da aventura comercial. Em compensação, entretanto, mantinha a China um ativo comércio interno entre as cidades e campo, in-

crementado pelo grande número de comerciantes e artesãos. A *falta de comunicações* era entrave para produtos de pouco preço como os cereais. Na região do Yang-tse e de seus numerosos tributários, a navegação era recurso que no norte não existia tão amplamente; daí as freqüentes fomes lá registradas.

O *comércio internacional* é levado a efeito pelas Corporações, sob a administração do *Ministério do Comércio*; e quando não existem relações di-

plomáticas, cabe a direção a um *Conselho* não governamental.

As *importações* compreendem cereais, algodão, fertilizantes e máquinas. As *exportações* constam principalmente de produtos agrícolas, têxteis e minérios. Em 1971 as exportações da China totalizaram 2.300.000.000 de dólares e as importações 2.150.000.000. O maior intercâmbio naquele ano foi com o Japão.

(dezembro de 1974)